

A PERSPECTIVA DE UM SÓCRATES EM *O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA*, DE NIETZSCHE

Vanessa de Souza Peres
Mestranda em Letras Clássicas, UFRJ
Vanessa.speres@hotmail.com

RESUMO

Em seu livro que abrange assuntos diversos e dotado de muitas influências, *O nascimento da tragédia*, Nietzsche faz uma severa crítica a Sócrates e, principalmente, ao que ele irá representar para o mundo ocidental. Este trabalho tecerá comentários a partir da visão aristofanesca utilizada pelo filósofo para construir a figura de Sócrates.

Palavras-chave: 1. NIETZSCHE. 2. SÓCRATES. 3. ARISTÓFANES

Em seu livro cheio de detalhes e autores citados, *O nascimento da tragédia*, Nietzsche faz uma severa crítica a Sócrates e, principalmente, ao que ele irá representar para o mundo ocidental. Este trabalho, no entanto, apenas tecerá comentários a respeito de uma das influências observadas neste livro.

Sabendo-se que Nietzsche compartilha da mesma ótica utilizada pelo comediógrafo Aristófanes em suas comédias *As Nuvens* e *As rãs*, neste momento apenas consideraremos a segunda comédia supracitada.

Em *As rãs*, Dioniso, porque em Atenas não haveria mais poetas trágicos de valor, decidido a resgatar a vida do tragediógrafo Eurípides, vai aos Infernos. Disfarçado de Hércules, com uma pele de leão sobre uma vestimenta de mulher, uma clava nas mãos e de coturnos, Dioniso, em companhia de seu escravo Xântias, dirige-se primeiramente à casa de Hércules para lhe pedir informações de como chegar ao reino de Plutão. Na trajetória, há muitas aventuras e situações ridículas, destinadas a prender a atenção dos espectadores, para o verdadeiro assunto da peça, que vai começar. Chegando a Plutão, ambos ouvem gritos e insultos que vinham de uma disputa entre Eurípides e Ésquilo para ganhar o trono da tragédia nos Infernos. No combate entre eles, Dioniso torna-se juiz, pois sendo Deus do teatro ninguém seria melhor para tal cargo. Entretanto, antes de abordar esta comédia é necessário fazer alguns apontamentos.

No início de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche deixa claro para o seu leitor qual é o conceito de arte que pretende desenvolver em sua obra. Para ele, a arte vai ser abordada como uma junção de duas “pulsões” artísticas o apolíneo e o dionisíaco. Para isto, Nietzsche traz um olhar sobre a arte grega que, segundo ele, se figurou em um intenso embate entre estas duas “pulsões” artísticas da natureza que se unem e formam a tragédia Ática.

De uma forma geral, enquanto que o apolíneo estaria ligado ao deus Apolo, o deus dos poderes configuradores, o “deus divinatório” e da bela aparência, Dioniso seria um misto de terror e êxtase, que se da pela “beberagem narcótica”. Assim, a Apolo é atribuída a “bela aparência”, o “mundo do sonho”, o “véu de maia” e o *principium indiuiduationis*, ao passo que a Dioniso seria atribuída à música, a “embriaguez” causada pelo coro báquico e o rompimento com o *este* princípio.

Nesta obra, Nietzsche elabora um estudo sobre a historicidade da tragédia, observando os maiores tragediógrafos da Hélade, Ésquilo, Sófocles e Eurípides, baseando-se na arte para criticar a ciência e chegar à conclusão de que Sócrates é o destruidor do mundo helênico.

Essa abordagem começa a ter esse desdobramento, de fato, nas seções 9 e 10, quando Nietzsche analisa *Prometeu*, de Ésquilo e *Édipo-rei*, de Sófocles e diz que com Eurípides teria chegado ao fim a existência de Dioniso. Pode-se depreender do final da seção 10 que Nietzsche começa a investir em seu projeto de criticar Eurípides. O qual será desenvolvido nas seções que se seguem. Este será apresentado por Nietzsche como o produto de seu tempo, como um produto do fenômeno “socratismo”.

Desse modo, o autor mostrando a importância que a arte trágica possuía para os gregos, introduz Sócrates pela evocação ao tragediógrafo Eurípides, como um defensor do racionalismo, que pelas mãos de Eurípides retirou a música do *corpus* da tragédia, elemento este ligado ao dionisíaco e, por conseguinte, destruiu a forma grega de arte que melhor representava a cultura helênica, porque apresentava a união das duas pulsões já explicitadas.

Na seção 11, Nietzsche analisa alguns pontos da obra de Eurípides que caminham em uma direção diferente dos seus antecessores e deixa clara a sua relação de concordância com Aristófanes ao engrandecer Ésquilo e dizer que a morte da tragédia caberia a Eurípides. Para isto, atribui o declínio da

tragédia à racionalização socrática imposta por Eurípides em suas peças, defendendo que a importância do elemento racional para o tragediógrafo expulsa a música da tragédia, findando-se esta. Nesta seção, Nietzsche antes de enumerar as mudanças que Eurípides fez de modo com que acabasse com os modelos ideais de tragédia anteriores ao seu tempo, explicita o seu olhar sobre a chegada de Eurípides ao mundo cênico, afirmando que apareceu um novo gênero por influências deste.

Mas quando, apesar de tudo, desabrochou um novo gênero que reverenciava na tragédia a sua predecessora e mestra, houve que perceber então com pavor que ela apresentava realmente os traços da mãe, porém aquele que esta, em sua longa luta com a morte, mostrara. Essa luta com a morte da tragédia foi travada por EURÍPIDES; aquele gênero tardio de arte é conhecido como nova comédia ática (NEA).¹

A primeira característica que Nietzsche menciona sobre as mudanças adotadas por Eurípides foi o fato de ele ter levado o espectador à cena em suas tragédias, fato este de que ele tanto se vangloriava. Na comédia *As rãs*, de Aristófanes, um dos argumentos que Eurípides utiliza em sua disputa com Ésquilo é justamente este usado por Nietzsche.

Eurípides: Fui eu, portanto, quem lhes inculcou (apontando para os espectadores) tais sentimentos, com o introduzir na arte o exame e o raciocínio, de modo que para o futuro todas as coisas se poderão compreender e penetrar melhor e principalmente os assuntos domésticos serão mais bem administrados que dantes: “Como vai tal negócio? Dize-me onde se encontra tal coisa? Quem tirou isto?”²

Nota-se que além de ter levado o público ao palco, neste excerto fica claro que Eurípides também introduziu o raciocínio em suas peças.

Entretanto, é importante comentar o mal-entendido que, segundo Wander de Paula, é atribuir ao socratismo um desenvolvimento exacerbado da “pulsão” apolínea, visto que a tendência racional não está ligada aos impulsos artísticos da natureza. A racionalidade é, para Nietzsche, uma via absolutamente inversa ao caminho das “pulsões artísticas”, ela não seria artística e, portanto, seria não-natural. Eurípides não produz uma arte por meio do desenvolvimento do apolíneo, mas, pelo contrário, inverte o modo de produzir a arte, pela valorização do racional, que não contém nada de apolíneo.³

A segunda característica que Nietzsche menciona é o fato de Eurípides ter mudado os personagens da tragédia, se com Ésquilo e Sófocles a tragédia era olímpica, porque se tratava dos deuses, agora a tragédia é doméstica. Este movimento também pode ser observado em *As rãs*, quando Eurípides afirma ter introduzido no teatro cenas da vida doméstica, *coisas que nos são usuais e familiares e nelas fundamentava a minha crítica; desse modo, os espectadores, a par dos fatos, podiam fiscalizar a minha arte!*⁴

Logo abaixo, neste mesmo trecho de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche cita explicitamente pela primeira vez que recebeu influências de Aristófanes ao declarar que *O mérito que Eurípides atribui a si mesmo em as rãs de Aristófanes*⁵, *o de ter libertado com os seus remédios caseiros a arte trágica da pomposa obesidade, isso é algo que se pode perceber acima de tudo em seus heróis trágicos.*⁶

O terceiro argumento que Nietzsche utiliza consiste em dizer que Eurípides transformou a tragédia porque estava preocupado com dois de seus espectadores que não conseguiam admirar as obras dos tragediógrafos precedentes. Ainda na seção 11, o primeiro espectador é anunciado, segundo Nietzsche, ele seria o próprio Eurípides, mas como pensador e não como poeta. Eurípides sentava no teatro e como um espectador crítico encontrava muitas falhas nas tragédias e não entendia os recursos utilizados pelos seus antecedentes, tais como a linguagem e o fio condutor da peça.

Na seção 12, Nietzsche afirma que a ideia de Eurípides, após examinar as tragédias de Ésquilo e Sófocles, foi a de retirar o elemento dionísico, remodelando-as sob um novo patamar de arte, sob uma visão de mundo não-dionísica. Assim, segundo a crítica nietzschiana, Eurípides acreditando salvar a tragédia, acaba por destruí-la de uma vez por todas. Pois, introduziu o elemento racional na arte, visto que foi através deste meio que Eurípides se utilizou não só para criticar os seus antecessores quando se dispôs a ser seu espectador, mas também para construir suas novas tragédias.

¹ Cf. Nietzsche, *O nascimento da tragédia*, p. 70.

² Cf. Aristófanes, *As rãs*, p.70.

³ Cf. Wander de Paula, *O(S) Sócrates de Nietzsche uma leitura d'o nascimento da tragédia*. p.102.

⁴ Cf. Aristófanes, *As rãs*, p.68.

⁵ Grifo meu.

⁶ Cf. Nietzsche, *O nascimento da tragédia*, p.71.

Nietzsche afirma ainda nesta seção de *O Nascimento da Tragédia* que apesar de Eurípides ter feito todas essas modificações supracitadas, ele não era o responsável por essa destruição, mas que esta responsabilidade seria do segundo espectador das tragédias (...) *Eurípides foi, em certo sentido, somente máscara: a divindade, que falava por sua boca, não era Dioniso, tampouco Apolo, porém um demônio de recentíssimo nascimento, chamado SÓCRATES*⁷. E acrescenta em seguida: *eis a nova contradição: o dionisíaco e o socrático, e por causa dela a obra de arte da tragédia foi abaixo*.⁸

Outro argumento utilizado por Nietzsche diz respeito ao prólogo de Eurípides. Para Eurípides, o espectador não conseguia acompanhar as primeiras cenas das tragédias. Assim, o espectador era tomado pela inquietação de querer resolver o problema da lacuna entre o início e a estória antecedente, *de modo que a beleza poética e o pathos da exposição ficavam para ele perdidos*⁹. Isto também pode ser identificado na tragédia *As rãs* de Aristófanes, quando Eurípides critica os prólogos de Ésquilo.

Eurípides: (...) Mas logo que recebi de ti a tragédia, entumecida de termos empolados e de vocábulos pesados, antes de qualquer coisa, fi-la perder o gravoso (...) eu jamais dizia tolices ao acaso, nem mesmo confundia as coisas em cena, baralhando tudo, pois a minha primeira personagem, saindo dos bastidores, expunha logo o argumento da peça.¹⁰

Pode-se perceber que Eurípides, aos olhos de Nietzsche, por ser um produto do socratismo, é, por assim dizer, “ineficiente” no seu poetar pelo fato de que ele julga a tragédia do ponto de vista do espectador. É dessa forma que Nietzsche vai construir a imagem de Eurípides - poeta a partir de um Eurípides - espectador, que via a encenação do lado de fora do palco e, depois, no seu poetar, tentava corrigir os seus erros. Guiado pelo princípio de que “tudo precisa ser compreensível para que possa ser entendido”, Assim, reitera Nietzsche, o crítico se converte em poeta, dando início a uma nova forma de “arte”, o socratismo estético.

Na seção 14, Nietzsche reforça a afirmação de que Sócrates não compreendia as tragédias e, por isso, só iria ao teatro quando fosse apresentada uma peça de Eurípides. Segundo Nietzsche, o único gênero de arte que Sócrates compreendia era a fábula esópica. É interessante comentar que, segundo Manuel Avezala, Esopo teria sido essencialmente um filósofo e só não ficou conhecido como tal porque a sua veia satírica foi mais forte do que a sua intuição filosófica, relegando esta para um plano secundário, onde acabou por passar despercebida, exatamente naquele momento em que efervescia a filosofia no mundo helênico. Aliás, a matéria prima de que são feitas as tragédias, o mito, e a fábula são muito semelhantes, ambas são narrativas de cunho popular, frequentemente de origem anônima, mas divergem em seus objetivos e em seus pontos de partida.

Ainda segundo Avezala, a principal diferença entre o mito e a fábula consiste no fato de o mito ser um produto coletivo e espontâneo, inicialmente sagrado, originado das profundas perplexidades humanas surgidas de acontecimentos históricos ou de experiências vividas no plano espiritual, posteriormente fantasiados pela imaginação humana, na sua ânsia de propor uma explicação para algo inexplicável racionalmente; ao passo que a fábula é uma obra individual, elaborada, com o objetivo de explicar comportamentos e situações da vida prática cotidiana, chegando mesmo a sugerir soluções, principalmente no campo da convivência social.¹¹

Assim, com o objetivo de criticar determinados comportamentos humanos, o fabulista adapta à sua maneira alguns mitos consagrados, ou então cria livremente os seus próprios mitos, demonstrando completo menosprezo pela mitologia tradicional, que ele utiliza apenas como veículo para transmitir os seus próprios pontos de vista, sem se preocupar com a possibilidade de ser desmentido por alguém. Pode-se entender que como o fabulista, Eurípides se apropria dessa característica inventora e filosófica em relação à mitologia, já que, como afirma Aristófanes, Eurípides, por exemplo, cria os seus próprios deuses¹² e também tentava dar um uma dimensão racional para as suas tragédias.

Nietzsche sustentando que Eurípides teria tentado uma reconstrução da tragédia sob uma nova arte, uma nova moral e uma nova visão de mundo diferente da dionisíaca, realizou uma produção não-artística. Assim, quando o autor passa a associar diretamente o declínio do dionisíaco à ascensão da consciência nas tragédias euripidianas, Sócrates torna-se o protagonista da obra, de tal maneira que Nietzsche atribui ao socratismo não só a destruição da tragédia, mas também, a decadência da cultura moderna, tema fundamental tratado pelo autor nas seções finais da obra.

⁷ Cf. Nietzsche, *O nascimento da tragédia*, p.76.

⁸ Cf. Nietzsche, *O nascimento da tragédia*, p.77.

⁹ Cf. Nietzsche, *O nascimento da tragédia*, p.79.

¹⁰ Cf. Aristófanes, *As rãs*, p.77-78.

¹¹ Cf. Manuel Avezala. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*, p.XXX

¹² Cf. Aristófanes, *As rãs*, p.65.

Pode-se entender que analisando a mudança na arte trágica grega, há uma luta entre a ciência e a arte, da qual a primeira teria sido vitoriosa. O conflito entre o poder da música, por um lado, e o da dialética, por outro, realiza o fim da tragédia, pois a música, representante do elemento dionísíaco, foi completamente destituída de sua importância nos espetáculos. Ao “pessimismo” da tragédia se contrapõe o otimismo da dialética, discussão esta que é aprofundada nas seções finais de *O nascimento da tragédia*, nas quais Nietzsche trata do otimismo da modernidade europeia como fruto do socratismo.

Por fim, em *O nascimento da tragédia*, de Nietzsche, o Sócrates descrito é tido não como uma pessoa, mas como uma espécie de fenômeno. A implacável racionalização contida no diálogo socrático teria amortecido a primitiva força criadora do gênio grego que ele designa como conhecimento trágico. Neste Sócrates, a razão não se contrai, ela se expande e porque o absoluto é sua meta e seu ponto de referência, ela deve traçar um itinerário que não conhece limites. Nietzsche denuncia a supremacia da reflexão lógico-racional, de tradição socrático-platônica, que determinou todo o pensamento do homem ocidental, no qual a Verdade residiria, a qual só poderia ser conhecida pela razão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARÊAS, Vilma. *Iniciação à Comédia*. Jorge Zahar Editora. Rio de Janeiro, 1990
- _____. *As rãs*. Tradução do grego por Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro, Baptista de Souza & Cia., 1958.
- COLEÇÃO OS PENSADORES, *Defesa de Sócrates / Platão. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates; Apologia de Sócrates / Xenofonte. As nuvens / Aristófanes*; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Jaime Bruna Libero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski 4ª edição. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- DUARTE, Adriane da Silva. *Sócrates, mestre da retórica*. Trabalho apresentado na II semana de estudos clássicos na FEUSP.
- MENDONÇA, Adriany Ferreira de. *O nascimento da filosofia a partir da arte: uma abordagem Nietzscheana*. 2005. Tese (Doutorado em Filosofia). UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO, RJ.
- NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. Tradução de J.Guinsburg. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- PAULA, Wander Andrade de. *O(S) Sócrates de Nietzsche uma leitura d'o nascimento da tragédia*. 2009. 252f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, SP.
- SOUSA, Manuel Aveleza. *Interpretando algumas fábulas de Esopo*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, Thex Ed, 2003.